

## SÓFOCLES

**Sófocles** (496 a 405 a.C.) nasceu em Epidauro e, além de exercer uma brilhante carreira dramática, dedicou parte de sua vida às atividades atléticas, à música, à política, ao militarismo e, por fim, à vida religiosa (foi sacerdote do herói-curador Amino, e, nessa condição, contribuiu para a introdução do culto de Asclépio na Ática).

Sófocles, considerado o continuador da obra de Ésquilo, concentrava em suas obras a ação em um só personagem destacando o seu caráter e os traços de sua personalidade.

Ele sempre se preocupou em descobrir uma solução mais profunda para os problemas que as peças anteriores não resolviam por completo. Sófocles, que segundo Aristóteles mostrava o homem como ele deveria ser, escreveu várias peças dentre as quais destacam-se *Filoctetes*(409), *Édipo em Colona* (401), *Édipo Rei*, que, segundo Freud representa o “drama de todos nós”, *Antígona*, *Traquinianas*, *Os investigadores* e *Ajax*.

\*\*\*\*\*

### O Dramaturgo Feliz

Nascido em 495 a C, trinta anos após seu predecessor, desfrutou das comodidades de filho de um rico mercador e das vantagens de um belo corpo.

Era tão extraordinário por sua graça física que aos dezesseis anos foi escolhido para liderar o coro de meninos que celebrou a vitória de Salamina. Após doze anos mais despendidos no estudo e no treinamento, Sófocles estava pronto para competir com os dramaturgos já em exercício, e não foi outro senão Ésquilo quem perdeu para ele o primeiro prêmio. Esta primeira peça foi seguida por outras cem ou mais, dezoito das quais receberam o primeiro prêmio, sendo que as demais nunca ficaram abaixo do segundo.

Ator consumado, interpretava suas próprias peças. Apenas a relativa fraqueza de sua voz, levou-o a renunciar a profissão de ator. Foi também sacerdote ordenado, ligado ao serviço de dois heróis locais, Arconte e Esculápio; o deus da Medicina.

Em geral não associamos os artistas as altas finanças (Com exceção talvez de Ronald Reagan) mas Sófocles foi até mesmo diretor do Departamento do Tesouro.

Em suma, Sófocles foi o ídolo querido do povo de Atenas, pertencendo à longa linhagem de escritores que negam a teoria de que o gênio nunca pode ser reconhecido enquanto vivo.

Sua vida que durou por noventa anos, não revelou qualquer declínio de seus poderes. Sófocles era um poeta com uma pureza de expressão que não encontrou paralelo no teatro até que Racine começou a escrever peças para a corte francesa, vinte séculos mais tarde. Uma narrativa afirma que Sófocles pretendia criar as pessoas tais como deviam ser, enquanto Eurípedes as fazia tais como eram, mas devia referir-se a um período anterior que não é representado por qualquer das sete peças remanescentes nas quais nos fornece ampla evidência de possuir tanto a capacidade quanto o desejo de retratar as pessoas tais quais são.

Há dois tipos de sofrimento em suas tragédias – aquele que advém de um excesso de paixão e aquele que brota de um acidente. O mal produzido pelo homem é formado no molde fixo do caráter humano e o acidente decorre da natureza do universo. Embora Sófocles aceitasse oficialmente os deuses gregos, estes não afetavam sua filosofia.

No mundo sofocliano o homem deve esforçar-se para introduzir ordem em seu próprio espírito.

Entretanto é acima de tudo na elaboração artística de suas tragédias que Sófocles cria a ordem, gosto e equilíbrio tão raramente encontráveis no mundo real.

## **A Arte da Dramaturgia de Sófocles**

Como todo artista competente, é claro que Sófocles não chegou à sua estatura total repentinamente; experimentou, tentou diferentes estilos e lutou diligentemente pela perfeição.

DE início imitou a grandeza de Ésquilo, depois foi para o extremo oposto, adotando uma forma excessivamente lacônica e abrupta e, finalmente encontrou o meio-termo entre os dois estilos, atingindo o método apaixonado e no entanto contido que caracteriza todas as suas últimas peças; as únicas que chegaram até a nós.

Seu progresso, porém, não ficou confinado ao estilo. Mesmo sendo verdade que não podia violar várias normas e/ou interdições como a eliminação do coro, Sófocles fez a melhor coisa que lhe restava, reduzindo-o ao mínimo e relegando-o ao segundo plano. Podia tomar estas liberdades e sentiu-se também livre para aumentar os limites das complicações dramáticas da peça.

Um primeiro passo dado por ele foi a adição de um terceiro ator interlocutor ao drama ático. Um segundo passo foi a abolição da forma trilogia.

Seu trabalho apresenta forte semelhança com a arquitetura e a escultura do seu tempo, que dava preferência a pequenos templos e estátuas de deuses não maiores que um ser humano bem proporcionado.

Nos detalhes de sua dramaturgia, Sófocles é igualmente um artesão difícil de contentar que calculava seus efeitos. Emprega ironia trágica ou contraste patético com grande habilidade e a efetividade do estratagema é mostrada no poderoso Édipo Rei. Mestre na nascente e difícil arte da caracterização, Sófocles é mestre consumado no artifício do suspense trágico do qual Édipo Rei é um exemplo supremo.

## **As Peças de Sófocles**

Através de vários léxicos e alusões, conhecemos os nomes de mais ou menos cem peças perdidas, atribuídas a Sófocles. A sobrevivência de uma legião de títulos e fragmentos também indicam que Sófocles escreveu algumas peças satíricas ou cômicas muito populares. A partir dos fragmentos recuperados, vários dos quais são de extraordinária beleza, vemos com nitidez absoluta que sua profundidade e lucidez quanto aos problemas do momento em que viveu não estavam restritos ao simples punhado de peças que permaneceu intacto.

A extensão dos poderes dramáticos de Sófocles só pode ser medida completamente nas tragédias integrais de que dispomos. Embora a caracterização das personagens seja sempre um traço primordial, sua obra remanescente pode ser convenientemente dividida em: três peças de caracteres – *As Traquinianas*, *Ajax* e *Electra*; um drama social – *Antígona*; um idílio – *Filoctetes*; duas tragédias do destino – *Édipo Rei* e *Édipo em Colona*.

## **Peças de Caracteres**

Uma das peças tardias, *As Traquinianas* é a mais fraca de todas pela falta de unidade desde que o interesse é dividido entre Dejanira e seu marido, e a peça usa mais do recurso narrativo do que costumamos encontrar na obra de Sófocles. Mas a tragédia comporta um poderoso e comovente estudo da mulher ciumenta. Esta peça é desprovida de indagações cósmicas e sociais, deve muito de seu interesse exclusivamente à lúcida análise das personagens de meia idade.

Mais eficaz é *Ajax*, uma tragédia anterior, penetrante análise de um soldado corajoso mas hipersensível, que é destruído pelo excesso de suas melhores qualidades. Rematando esse drama de caracteres, Sófocles cria outra de suas bem realizadas mulheres, a escrava Tecmessa. Sófocles revela assim terna visão e compreensão pela condição feminina.

Mas a maior contribuição de Sófocles ao drama de caracteres está em sua *Electra*,

na qual trata o tema de As Coéforas de Ésquilo unicamente em termos da personalidade humana. Para Ésquilo o problema era ético, Sófocles resolve o problema moral e aceita o assassinato materno colocando-o na distante Antigüidade. Tendo solucionado a questão ética, volta-se inteiro ao problema da personagem.

A caracterização nessa tragédia á parte de uma trama cuidadosamente elaborada girando ao redor da forma pela qual Orestes obtém acesso a Clitemnestra e Egisto. Dor e alegria alternam-se por toda a peça.

### **Um Idílio Grego**

Filoctetes exhibe o lado mais ameno de sua mestria artística, é uma tragédia apenas no sentido grego (devido à exaltada dramaticidade); não faz uso de catástrofe ao final e o espírito da obra é pastoral.

Frases cortantes sublinham os comentários de Sófocles sobre os caminhos do mundo: “A guerra jamais massacra o homem mau”, e “Aos saqueadores jamais sopra um vento adverso”. Mas a atmosfera dominante é de loucura e luz e o poeta nos assegura que a perversidade do mundo é compensada algumas vezes pela imaculada humanidade. Entretanto, é significativo que Sófocles apenas tenha atingido sua plena estatura quando, ao invés de contentar-se com simples estudos de personagens e observações mais ou menos fugidas sobre o gênero humano, voltou-se para temas maiores, bem definidos. Há dois deles em sua obra remanescente: as relações do homem com a sociedade e os labirintos do destino.

### **Antígona e o Drama Social**

Uma das mais grandes tragédias da literatura dramática é Antígona, escrita em 442, antes de qualquer dos textos de caracteres remanescentes. Sófocles dedica-se aqui a um conflito básico, as pretensões rivais do Estado e da consciência individual.

A questão fundamental á descobrir como estabelecer um termo médio entre esses princípios e evitar a catástrofe quer para o grupo quer para o indivíduo. Afora isso, a oposição ainda mais geral entre amor e ódio lança sua magia sobre toda a peça. Sófocles não procura desviar o drama em favor de sua heroína, pois reconhece os direitos do Estado e do interesse público.

Embora Sófocles não se incline a resolver a disputa entre o Estado e a consciência individual, contentando-se simplesmente em observar que as conseqüências do conflito tendam a ser trágicas, o ímpeto de sua piedade e de sua caracterização de Antígona lança o peso da simpatia, ao menos quantos aos leitores modernos, para o lado da nobre moça. Esta deslumbrante tragédia deixa em suspenso diversos problemas que não entregam com facilidade seu significado ao leitor casual.

## **O CICLO TEBANO: ÉDIPO REI, ÉDIPO EM COLONO, ANTÍGONA**

### **A tragédia do destino – Édipo**

Sófocles coloca o problema do destino. E se não resolveu o enigma do destino, ao menos conseguiu uma das incontestáveis obras-primas do mundo. E é novamente seu soberbo dom para a caracterização que enriquece a simples mecânica da dramaturgia com vida, agonia e plausibilidade. Édipo é uma personagem superlativamente ativa, como se o dramaturgo tentasse nos dizer que o destino trabalha através do caráter da vítima. Com efeito o fado encontra forte aliado neste homem corajoso, nobre e de ótimas intenções, cuja única falha é o temperamento inflamável.

Tanto suas virtudes quanto defeitos conspiram contra ele. Sem ser moralmente responsável, Édipo é psicologicamente responsável pelos tormentos. Consequentemente

é uma personagem dinâmica e um sofredor ativo; na verdade, é uma das figuras mais trágicas da literatura. Somos lembrados dos impulsos anárquicos e incestuosos que complicam a vida do homem e se exprimiram em tantos tabus primitivos e neuroses civilizadas. Como toda obra de arte superior, esta tragédia tem uma vida dupla: aquela que expressa e aquela que provoca.

A seqüência a esta tragédia, o sereno e encantador **Édipo em Colono**, escrito muitos anos mais tarde, é o Purgatório e Paraíso do Inferno de Sófocles. O problema do destino inexplicável colocado pelo *Édipo Rei* não é respondido no trabalho posterior. Mas pelo menos uma solução é indicada: o que o homem não pode controlar, ao menos pode aceitar; o infortúnio pode ser suportado com fortaleza e enfrentado sem sentimento de culpa. Édipo está purgado e curado. E com ele, nós que o seguimos aos abismos imergimos liberados e fortificados.

Logo após a apresentação de **Édipo em Colono**, em 405, Sófocles foi juntar-se à sombra de Ésquilo. No mesmo ano fatídico falecera também Eurípides e morreria a glória que era a Grécia, pois Atenas sucumbiria ao poderio militar de Esparta. Nenhum mestre da alta arte da tragédia floresceu em Atenas após a morte de Sófocles.

### **A excelência e a temporalidade**

A sua grandeza encontra-se precisamente aqui: neste contraste violento entre a onipotência divina e um nada de potência humana. Da virtude ao nada, é onde se encontra precisamente o *Édipo Rei* de Sófocles. Édipo foi o mais virtuoso dos homens do seu tempo. Deixou a cidade, que julgava ser a dele e de seus pais, por ter sabido, através de um oráculo, que iria matar seu próprio pai e desposar sua própria mãe. Esta é a tese de Sófocles: nada nos salva, nem a excelência.

Há, por outro lado, do ponto de vista estético, um poder extraordinário em *Édipo Rei*, através do conhecimento do seu final ser imediatamente revelado no início da peça. Assim, começar uma peça revelando o seu final, é como dizer: como vêem o fim é sempre o mesmo, o que aqui importa, o que importa à arte é como se chega até ao fim. Não importa aqui a revelação, mas a construção, isto é, a essência de *Édipo Rei* é estética, pois o que mais importa, desde o início, é mostrar que a arte é saber fazer e não simplesmente saber. Por conseguinte, estamos também depositos numa tese original, mais do que tudo, cabe ao humano **A ARTE**. Para Sófocles, arte e humano são uma e a mesma coisa. A arte é ainda a imitação dos deuses. Podemos imitar os deuses, mas não podemos compreender o humano.

### **Antígona**

Escrita em 442 a. C. A oposição ainda mais geral entre amor e ódio lança sua magia sobre toda a peça: Hémon + Antígona. Antes de ser um entretenimento, é um estímulo a grandes discussões jurídicas, políticas, filosóficas e existenciais da humanidade.

Prestou-se a diversas interpretações. Hegel: considerou-a, longe de ser apenas um enfrentamento entre dois teimosos de cabeça quente, como um modelo do choque existente entre os interesses do Estado representado pelo rei Creonte, frente às Leis não escritas, a dikê, a ordem natural e os direitos familiares invocados pela princesa tebana. Sófocles dedica-se aqui a um conflito básico, as pretensões rivais do Estado e da consciência individual. A questão fundamental: como estabelecer um termo médio entre esses princípios e evitar a catástrofe quer para o grupo quer para o indivíduo.

O crítico H.D.F.Kitto (*A Tragédia Grega*, Coimbra, 1972), por sua vez, entendeu que, entre as duas fortes personagens que a dominam, ela é a tragédia de Creonte. A filha de Édipo, atormentada pela crescente infelicidade da sua família, talvez estivesse, ao desafiar a lei, em busca de uma morte gloriosa, solene, auto-sacrificando-se no altar da sua raça em extinção. Sobre ele, porém, é que se concentraram as responsabilidades (“Ó

anciãos, todos vós sois como arqueiros que atiram para este homem como sobre um alvo”). Apesar de a peça chamar-se “Antígona”, é ele, Creonte, quem domina o cenário. É em torno da sua decisão que é tecida toda a rede de infelicidades. Príncipe recém-entronado, Creonte tem por objetivo fixar dois princípios: começar uma nova dinastia despoluída, afastada da maldição que cercava os incestuosos Labdácidas e dar uma punição exemplar aos que viessem de alguma forma desafiar a sua autoridade, pela desobediência ou pela rebeldia. Como ele fez ao emparedar Antígona, ou ainda deixando Polinices insepulto. Gradativamente, por mostrar-se obcecado em afirmar-se como tirano, todos dele se afastam. O filho, o mago Tirésias e, por fim, a própria esposa. Na verdade, pode-se considerar a peça como uma notável **exposição sobre a solidão do poder e o gigantesco preço que um estadista é obrigado, por vezes, a pagar por ter tomado uma decisão que ele considerava acertada.**

Albin Lesky (*La tragedia griega*, Barcelona, 1970), entretanto, não acredita num embate entre o Estado e a Família, mas que **tudo deriva da maldade e mesmo crueldade de Creonte**, que age como se fosse um possesso, quase se deliciando com o poder que dispõe de fazer executar a sua vontade inquestionável. É de se considerar também que ele descarregou sobre Antígona uma vingança que ele não pôde executar sobre os filhos de Édipo, que, naquela altura já estavam mortos, pois, afinal, foi a luta fratricida que fez com que Creonte perdesse um dos seus filhos, dado em sacrifício para o bem da cidade.

Na interpretação Kathrin Rosenfield (*Antígona - de Sófocles a Hölderlin*, P.Alegre, 2000) há uma nova contribuição. Não que ela negue as anteriores acima expostas, mas sim que releva sua atenção para um outro aspecto do embate do tio com a sobrinha - **a questão, digamos, genético-dinástica.** Creonte, para ela, assume não só o papel do estadista tirânico, querendo ver valer a todo custo um édito seu, mesmo que isso implique no sacrifício de alguém da família real, como também o do pai extremado que procura evitar que o seu filho Hémon viesse a se casar com alguém abominado pelos deuses. Sabendo que Antígona era resultado de um casamento incestuoso, ela, contraindo núpcias com Hémon, faria com que o futuro rebento daquela união, o neto de Creonte, fosse também atingido pela praga que cercara a todos os Labdácidas. Por isso, o rei manifestou-se com tanto ardor. Não se tratava só de política, mas de algo mais profundo, que partia do mundo dos instintos, o pavor de ver seu *genos* (estirpe) também poluído. Os gritos possessos de Creonte eram a voz do sangue ameaçado, não uma fala do trono. Ambos seriam pois, faces diferentes de uma exigência genética. Uma inteiramente infectada, outra tentando fugir ao contágio.